

Melhores sistemas educacionais do mundo dão autonomia a escolas e não selecionam alunos

Ausência de processos de seleção para a entrada de alunos e mais autonomia para as escolas. Esses dois itens são listados pelos resultados do último Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), divulgado em dezembro de 2010, como algumas das ações em comum nos sistemas escolares que conseguem educação de qualidade.

A prova, coordenada pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) e aplicada em 65 países para alunos por volta dos 15 anos, mede conhecimentos e habilidades em leitura, matemática e ciência, além de aplicar questionários a alunos e diretores (e pais, em alguns casos), sobre ambiente e práticas de aprendizado, organização das escolas e contextos sociais e econômicos, entre outros.

Segundo o Pisa, os sistemas escolares que dão a mesma oportunidade aos alunos tendem não apenas a ter notas melhores mas também a reduzir a influência da realidade social e econômica dos estudantes no seu desempenho escolar. São sistemas em que todos os alunos, com contextos diferentes, têm as mesmas oportunidades para aprender e frequentam as mesmas escolas. Além disso, eles raramente repetem de ano ou são transferidos de escolas por problemas de comportamento ou por pouco rendimento acadêmico.

O programa de avaliação lista as escolas de Coreia do Sul, Finlândia, Canadá, Japão, Noruega, Estônia, Islândia e Hong Kong como as mais bem-sucedidas na avaliação. Isso significa, para o Pisa, que elas têm performance em leitura acima da média dos países da OCDE (493 pontos) e que o contexto sócio-econômico dos estudantes tem um impacto menor nesse resultado do que ocorre na média da OCDE (14% da variação na performance vem do contexto de vida do aluno).

“Isso representa um funcionamento eficiente da escola. Ela consegue ser democrática e atender o aluno da forma como ele chega. Não é algo baseado na retenção, mas no trabalho do dia a dia”, explica a educadora Silvia Gasparian Colello, da Faculdade de Educação da USP (Universidade de São Paulo). Ela diz que as pessoas têm diferentes saberes e mecanismos de aprendizagem e que, ao reunir esses alunos numa mesma sala, “todo mundo aprende com todo mundo” e foge-se de uma divisão entre alunos que é artificial. “O aluno é forte, médio ou ruim a partir de que princípios? Ele pode ser bom em português, mas não ter dificuldades com biologia.”

No Brasil, as escolas técnicas federais, por exemplo, têm melhor desempenho entre as da rede pública, no ensino médio, mas é comum a seleção de estudantes nessas instituições, por meio de vestibulinhos. Silvia Colello afirma que a divisão de alunos não costuma ser benéfica para nenhum dos lados, já que os que apresentam as piores notas se tornam uma “profecia autorrealizante” (como espera-se pouco deles, produzem pouco) enquanto os que têm melhor desempenho podem se acomodar e não render tanto quanto o esperado.

O Pisa afirma que nenhum dos sistemas escolares que se destacam “tem altos índices de diferença entre os alunos”. Por outro lado, países como Bélgica, Holanda e Suíça, que selecionam e classificam os alunos em escolas, programas ou notas, apresentam boas performances, mas a realidade fora da escola do estudante influencia mais na nota do que nos países considerados bem-sucedidos.

Além disso, o Pisa mostra que nos países em que os alunos de 15 anos foram divididos em mais faixas, baseadas em suas habilidades, a performance geral não foi melhor” e que “quanto menor a idade em que a seleção acontece, maiores são as diferenças geradas pelo contexto sócio-econômico nos resultados dos estudantes, quando chegam aos 15”.

Outra característica comum entre os sistemas que conseguem bons resultados é a grande autonomia que eles dão às suas escolas. Elas podem formular seus currículos e definir suas formas de avaliação. “Isso permite que elas se ajustem a seus perfis de aluno, tirando o melhor proveito da diversidade”, diz Silvia Colello.

Ela lembra, no entanto que, no Brasil, a escolha dos livros didáticos pelas escolas públicas, pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), é feita a partir de uma lista pré-selecionada. “Por exemplo, para falar do mar, uma escola em uma comunidade de pescadores vai partir de um ponto diferente de uma comunidade do sertão. Os conteúdos não são neutros. Eles são social e culturalmente situados.”

Apesar de listar características comuns entre os sistemas escolares bem-sucedidos, o relatório com o resultado do Pisa diz, no entanto, que essas características não são “necessárias ou suficientes” para uma boa qualidade na educação. Para Silvia Colello, “a fórmula do sucesso [na educação] é complexa e plural. Depende de diferentes fatores e da relação entre eles”.

O Pisa produz indicadores educacionais, avaliando alunos próximos do final da educação obrigatória. As provas são aplicadas a cada três anos, sempre com foco em uma das áreas sempre avaliadas: a de 2009 teve ênfase na leitura.

Os alunos que fazem os testes vêm de uma amostra aleatória de escolas públicas e privadas e são escolhidos pela idade (entre 15 anos e três meses e 16 anos e dois meses, no início da avaliação), e não pelo grau escolar em que estão. A prova já foi aplicada em 2000, 2003 e 2006.

Fonte: UOL, 1 mar. 2011. [Portal]. Disponível: <<http://www.uol.com.br>>. Acesso em: 2 mar. 2011.

A utilização deste artigo é exclusiva para a família Educablog